

CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DO INSTITUTO BERNARDO SANTARENO

Senhor Presidente,

Tendo por base um princípio que é apanágio do Círculo Cultural Scalabitano, ou seja a frontalidade, o dizer “olhos nos olhos” (em vez de “mandar dizer”) o que nos vai na alma, a par dos princípios da clareza, da transparência, da liberdade, da verdade e do respeito pelos nossos associados em particular e pelos escalabitanos em geral, e ainda pelo respeito, consideração e amizade que nutrimos por V. Ex.^a, tomamos a liberdade de lhe escrever e tornar públicas as linhas que se seguem.

A *Direcção do Círculo Cultural Scalabitano (CCS)*, tomou conhecimento através da Comunicação Social, das personalidades a quem foram atribuídos os Prémios Bernardo Santareno neste ano de 2008.

Há medida que fomos lendo, fomos ficando satisfeitos com a projecção que foi dada aos diferentes premiados e ficámos a saber quem foi reconhecido pela excelência do seu trabalho, nas diversas secções que o referido prémio comporta.

Tudo corria na “paz do senhor”, até que chegámos à parte do texto que se refere ao prémio de carácter local, o designado “especial”. Ficámos suspensos. Não queríamos acreditar. Chegámos mesmo a duvidar dos nossos olhos. Pusemos de parte o jornal, mas logo as rádios locais nos deram a mesma informação. Consultámos outro dos semanários e mais outro e... a confirmação lá estava. Em todos a mesma verdade. Não poderiam estar todos enganados.

Então era mesmo certo, o prémio de carácter local, o “especial”, este ano fora atribuído ao “O Duelo”, produção do Grupo Cénico da Música Nova de Pernes, isto é: Vicente Batalha premeia Vicente Batalha!

Acorre então uma ideia “salvadora” ou “remediadora”: o Vicente Batalha que preside ao Instituto e que atribuiu o prémio, não é o mesmo que o recebe como encenador e principal responsável pela montagem da peça premiada. É certamente outro Vicente Batalha!

Mas não, vários elementos do Círculo Cultural Scalabitano foram ver o espectáculo, com muito agrado diga-se, e era mesmo o Vicente Batalha, aquele que foi Autarca em Pernes, actor profissional e, finalmente, o presidente do dito Instituto que atribui o prémio.

Pois é! É verdade! É V. Ex.^a!

É assim uma espécie de “Olívia patroa e Olívia criada”!

Como compreenderá a nossa perplexidade foi grande.

Naturalmente que nada nos move contra ou a desfavor do Grupo Cénico da Música Nova de Pernes, com o qual, de resto, mantemos as melhores relações, relações essas construídas no mútuo respeito e admiração. O que se trata aqui é de algo mais profundo: é do Veto Teatro Oficina, secção de teatro desta Instituição, e do respeito que é devido à sua história de quarenta anos e ao seu trabalho de hoje.

Mas... ainda havia uma esperança: a Grande Gala Santareno. Poderia acontecer que tivesse havido um esquecimento e que, no último momento, alguém desse por isso e mencionasse, nem que fosse a título meramente informativo, o papel do Veto Teatro Oficina no ano de 2008 em prol do teatro, em prol de Bernardo Santareno e de Santarém. Mas... não: encurralados naquela Fila I n.º10 do Teatro Sá da Bandeira, fomos vendo e ouvindo, com agrado, desfilar os diversos premiados e... nada de Veto.

Se nos permite V. Ex.^a, recuemos um pouco no tempo:

Em 2007, tendo o Veto Teatro Oficina em cena “Amor de Perdição”, espectáculo apresentado em mais de trinta sessões (só na cidade), sempre com lotação esgotada, com reconhecido sucesso e desempenhos individuais e colectivos que recolheram críticas e comentários de admiração e reconhecimento de todos os que a ele assistiram, e muitos foram, V. Ex.^a decidiu atribuir o prémio ao FITIJ. É verdade, ao FITIJ!

Aparentemente tudo bem, no entanto, tratava-se de ano em que o FITIJ não se realizava e, curiosamente, o prémio foi entregue apenas ao Teatrinho, quando durante uma dezena de anos, este projecto foi “co-organizado” pelo Teatrinho e pelo Veto Teatro Oficina.

Deveras curioso, de facto!

E este ano?

Bem neste ano de 2008, em que o Veto Teatro Oficina apresentou “Bernardo Santareno ...nos Túneis da Liberdade”, espectáculo construído com textos de Bernardo Santareno, na sua maioria inéditos, numa grande produção que percorreu muitos dos mais significativos teatros do país, numa tournée que culminou no Teatro da Trindade que, como nos outros espaços, se encheu de um público que de pé (como as árvores) aplaudiu entusiasticamente o grupo, os seus actores e os seus técnicos;

Em 2008, em que com Bernardo Santareno, o Veto Teatro Oficina, em confronto com artistas já consagrados, lançou novos artistas, com desempenhos artísticos, unanimemente reconhecidos como excepcionais, um dos quais em situação de emergência foi, inclusive, em “socorro” dos amigos de Pernes e viabilizou a apresentação de “O Duelo”;

Em 2008, ano em que o Veto Teatro Oficina levou a história da vida do grande autor a milhares de pessoas, com grandes sacrifícios pessoais e familiares dos seus elementos, numa cruzada de amor e dedicação pelo teatro, por Santareno, e de empenho na resposta ao desafio que nos foi lançado pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santarém;

Em 2008, em que para além deste espectáculo, o Veto Teatro Oficina estreou em Março e para crianças, “Na Corte do Rei Príncipe”, texto original escrito por um elemento do grupo, sobre aspectos da história de Portugal, passados em Santarém, recebido com vivo entusiasmo por pais, professores e sobretudo pelas crianças;

Em 2008, em que ainda se arranjou tempo e energia para apresentar vários poetas, portugueses, em várias sessões no bar do Teatro Sá da Bandeira;

Em 2008, ano em que o Veto Teatro Oficina estreou um segundo espectáculo para crianças, “A Água também se Lava”, texto original desta feita da autoria de um outro

elemento do grupo, mais uma vez com grande apreço do público, bem retratado nas inúmeras cartas de professores e trabalhos das crianças que nos chegaram a este respeito;

Em 2008, ano em que está já marcada (em Dezembro) a estreia de novo trabalho: “Nas Margens do Rio Tejo”, desta vez envolvendo toda a família do CCS e uma enorme parceria cultural local e regional;

Em 2008 ainda, ano em que o CCS acolheu, tendo por base um protocolo com a Escola Alexandre Herculano, um grupo de jovens que, querendo fazer teatro, aqui encontrou “guarida”, apoio e acompanhamento permanente por parte do Veto Teatro Oficina, tendo um dos elementos do grupo co-dirigido um dos mais dois espectáculos estreados este ano nesta casa, onde a cultura tem sempre espaço;

Em 2008, ano em que, no âmbito do teatro, o Veto Teatro Oficina tanto fez neste nosso Círculo e fora dele, em que os amadores tanto deram de si, muitas vezes, bem além do permitido pela saúde e pela família, muitas vezes com claro sacrifício, porque queríamos responder aos desafios que entendemos aceitar, porque vieram da Autarquia e do seu Presidente, porque eram e são importantes no panorama cultural local e nacional e, quando outros ficaram em “casa, ou apenas “cumpriram calendário”, o Veto respondeu, o Veto disse sim, o Veto arregaçou as mangas e veio para a rua, “fez-se à estrada”, criou projectos, apresentou propostas, lutou por elas e CUMPRIU.

Neste concelho, em 2008, no campo teatral, alguém fez tanto como o Veto Teatro Oficina?

Algum outro grupo se lhe assemelhou? Todos juntos, talvez? Sinceramente duvidamos.

Pensámos: então trata-se de um problema de falta de qualidade.

Bem quanto ao texto do espectáculo “Bernardo Santareno... nos túneis da liberdade”, a quase totalidade é de Bernardo Santareno, pelo que por esse lado estamos conversados. Quanto ao resto, o público respondeu bem alto e longamente após cada apresentação, com aplausos e com manifestações de apreço pelo que nos escusamos a mais comentários.

Pois, em 2008, para o Senhor Presidente do Instituto Bernardo Santareno, o Veto Teatro Oficina, foi transparente, invisível e, no entanto, tem cerca de meia centena de elementos, de todas as idades, mas não os viu, não os encontrou, não deu pelo grupo, tão concentrado estava no seu próprio trabalho e, por isso, o inevitável, de facto, aconteceu: Vicente Batalha premiou Vicente Batalha.

Perdoe-me V. Ex.^a, mas esta situação seria ridícula, se não fosse patética, mas o que é certamente é pouco ética.

Enfim, fica V. Ex.^a com o prémio e a nós resta-nos o desagravo das palavras aqui lavradas, o protesto da razão que nos assiste, a tristeza e a mágoa de quem tudo deu e...
... fica o exercício do direito à indignação, que é outro dos princípios do qual nunca se abdicou, nem abdicará, no Círculo Cultural Scalabitano.

Pela Direcção do Círculo Cultural Scalabitano

O Presidente

Eliseu Raimundo